

Colóquio de Convergência. Paris, 15 a 17 de maio de 2025

Mal-estar, Castração, Alteridade.

O Real da Nossa Clínica

Podemos considerar que o tema proposto na convocatória: Descontentamento, Castração, Alteridade, é um sintagma que nos leva ao cerne da nossa prática clínica.

De fato, é a partir do descontentamento que a psicanálise e sua prática emergem. A psicanálise responde a esse sintoma que lemos como descontentamento. Sintoma, inibição, ansiedade, têm sua ancoragem no Real e obstaculizam o progresso do sujeito no caminho de sustentar seu desejo. É isso que o analista encontra, cada vez em sua prática.

Como se manifesta esse descontentamento em nosso tempo, na cultura, que Freud situou no nível da estrutura, como limites que, como humanos, nos fazem humanos, os "*parl'êtres*"? Descontentamento que é "de onde procede nossa experiência", lemos em *La troisième*.

Tanto Freud quanto Lacan produziram suas interrogações a partir da ciência moderna. Como Lacan mostra bem, com Galileu, por um lado, e com Descartes que, a partir de "Duvido, logo penso, logo sou", tornou possível a emergência da psicanálise como emerge da singularidade do sujeito, como sujeito do inconsciente.

A emergência da psicanálise é um sintoma em relação à ciência da época. Mas ainda, a psicanálise é um sintoma? Se Lacan insiste nessa interrogação, podemos sustentá-la hoje?

R.S.I será o que guiará o caminho da análise, anudado, sendo o buraco central, o lugar desse objeto *a* que sustenta nas lúnulas, os diferentes gozos: do Outro, fálico, do sentido, desde que funcione a castração que implica esses buracos em cada registro.

A articulação nodal que Lacan avança, R.S.I situa que o sujeito é esse anudamento, e como sabemos, é um nó ligado segundo uma lógica muito precisa: por um lado, que os fios não se penetram, e por outro lado, se um fio é

cortado, esse anudamento se desanuda. Mas ele enfatiza que essa é a estrutura do sujeito, que o *parl'être* é RSI. Real, Simbólico, Imaginário, anudados.

*Algo no Real - e não qualquer coisa: a vida mesma - , se estrutura com um nó*, dirá Lacan em La troisième. Sujeito que goza como resto do que não é possível simbolizar, e por outro lado um Imaginário, onde Lacan situa o corpo, Imaginário que adormece, mas também põe um véu, tão necessário para sustentar essa equivalência nodal RSI. Essas formulações têm consequências nas intervenções do analista.

Como sabemos, aquele que vem ao analista não é o único que paga com suas dificuldades, com seus sintomas, com seu gozo. O analista também paga no curso do tratamento. Com palavras, com suas intervenções, produzindo um efeito de interpretação, ou seja, intervenções desde o Simbólico; mas também intervenções desde o Imaginário, desde que visem à produção de um ato do analista, e desde o Real, enquanto sua pessoa suporta a transferência, operando no lugar do Sujeito suposto Saber.

Retomemos então esse texto de 1930 onde Freud interroga e coloca os limites com os quais o *parl'être* se encontra e quais remédios tem à sua disposição para enfrentá-los. Vejamos sua validade.

Como manifestam esses *parl'êtres*, o fim e o propósito de sua vida - dirá Freud - é alcançar a "felicidade" de acordo com o programa do princípio do prazer, mas a pulsão de morte vem colocar seus limites como inatingível: esse "além" que nomeamos gozo.

Assim, esse programa entra em questão tanto no microcosmo quanto no macrocosmo. Daí que podemos falar do descontentamento do sujeito na cultura, já que *nossa constituição limita nossas possibilidades de felicidade*, dirá Freud, ou seja, a própria estrutura do sujeito. Sujeito que está ameaçado desde o corpo próprio, onde a dor e a ansiedade se manifestam como alarmes; desde o mundo exterior - conhecemos suas forças destrutivas - e desde o laço com os outros, sofrimento que sentimos como o mais doloroso, dirá Freud.

Esse é um Real que enfrentamos não sem seu necessário anudamento. *O Real se põe em cruz para impedir que as coisas andem bem*. É a dor de existir. Mas aceitar esses limites propicia que se ensaiem diferentes caminhos para

canalizá-los. E já falamos da função da causa. Recordemos esse objeto *a* no lugar do buraco bordeado bordeado por RSI.

Quais são esses possíveis caminhos e com que recursos contamos para responder a esses limites? Diferentes caminhos, alguns extremos, a solidão procurada, para se proteger dos outros, e outros melhores que implicam estar em uma comunidade: a partir da ciência submetendo a natureza à vontade do homem. Os mais interessantes, dirá Freud, são aqueles que buscam influenciar o corpo. A influência química das substâncias intoxicantes, drogas, álcool, que determinam seu caráter perigoso e nocivo, a série de adicções, em seu esforço para tapar os buracos do Real.

Seguindo os destinos pulsionais, também localizamos a sublimação, a arte, o trabalho profissional, quando é escolhido livremente. Não podemos deixar de considerar a validade desses caminhos. Levando em conta a convocatória, podemos fazer uso dos discursos, já que se trata do vínculo social e enquanto esse Real com o qual nos encontramos, o desvio do discurso do Mestre, que é o Discurso Capitalista, como Lacan o chama.

*O que nos proporciona a ciência, afinal? ...Nos proporciona algo que para a maioria das pessoas, mesmo aquelas presentes aqui, se reduz a gadgets.* Embora Lacan continue a insistir que há quatro discursos: Mestre, Universitário, Histérico e Analista, ele também lê que há uma ruptura do par ordenado S1, S2, de modo que S1 não emite castração para S2 e o S sob a barra, que é como um agente, é um consumidor, cujo produto são precisamente objetos de consumo, *gadgets*. Não há sujeito desejante. O fantasma se desarticula. Discurso do capitalismo, que nesse tempo é dominante. Chamar isso de discurso é talvez um excesso.

O que distingue esse 'discurso' é a *Verwerfung*, o rejeito de todos os campos do simbólico, e isso tem como consequência o rejeito da castração. Qualquer ordem que se assemelhe ao 'discurso' do capitalismo *deixa de lado as coisas do amor*. Como enfrentar o descontentamento do sujeito, no vínculo com os outros, que implica essa alteridade com o Outro constituinte e o outro semelhante, necessários, se o amor como véu da castração é rejeitado?

Dificuldade que ouvimos em nossa prática, tentando colocar em questão esse sujeito gozador, gozo que se acentua com as redes sociais, fazendo lugar, tanto quanto possível, através do desdobramento da fala que o rejeitado entra em discurso, se constitui como enigma e faz desses gadgets um sintoma, como Lacan dirá, para limitar esse gozo e que algo do desejo possa se articular.

Susana Splendiani